



Malawi

O CORAÇÃO QUENTE DE ÁFRICA

Dizem que o antigo protetorado da Niassalândia é o coração mais quente de África e isso notou-se logo quando o funcionário me devolveu o passaporte no posto fronteiriço do Malawi. Com um sorriso rasgado e franco mostrou o visto e deu-me as boas-vindas ao seu país desejando uma boa estada.

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias





Mal retomámos a estrada, a primeira coisa que saltou à vista foram as crianças a correr tentando acompanhar o camião ao mesmo tempo que acenavam e esboçavam sorrisos inocentes e cheios. Não é que este gesto fosse exclusivo do Malawi, não; só que aqui pareceu-me que eram todas as crianças, literalmente, a fazê-lo e foi isso que me surpreendeu.

Passámos por plantações de açúcar, mato inculto e aldeias empoeiradas onde os locais se agregavam à volta de um toldo de palha ou de uma banca sobre a qual se empertigavam, geometricamente, pirâmides de tomates. Parte da população caminhava pela berma carregando uma miscelânea de produtos mas o que se destacava era as mulheres com baldes coloridos à cabeça transportando água que tinham ido buscar a furos por vezes malfadadamente afastados das suas habitações. Em redor, catraios vestidos de roupas demasiado grandes para os seus diminutos corpos iluminavam a paisagem sorrindo-nos.

Atravessámos a reserva natural de Nkotakhota através da estrada M18. Durante o trajeto, o Overland não parou de coicear como um gnu e exibir-se tal era a quantidade de buracos e lombas que o trilho possuía. Mais à frente, o que me pareceu ser um calau gigante poisava no galho de uma árvore morta cujos ramos retorcidos haviam petrificado. Quilómetros depois, uma pequena manada de zebras corria desenfreada: a sua pelagem de listas contrastantes fundia-se no movimento desfocando-as ao olhar dos potenciais predadores numa característica de sobrevivência que lhe era exclusiva.

Sáímos da reserva e mantivemo-nos na estrada que acompanhava a margem um espelho de água que se assemelhava a um mar. Só muito depois, já o sol declinara e as sombras noturnas haviam aclarado as formas, quando chegámos ao primeiro destino: Kande Beach, à beira do lago Malawi e onde pernoitámos por um par de dias.

Seguiu-se Chitimba Camp, igualmente localizado à beira do lago Malawi mas mais a norte. Todavia o que ficou da



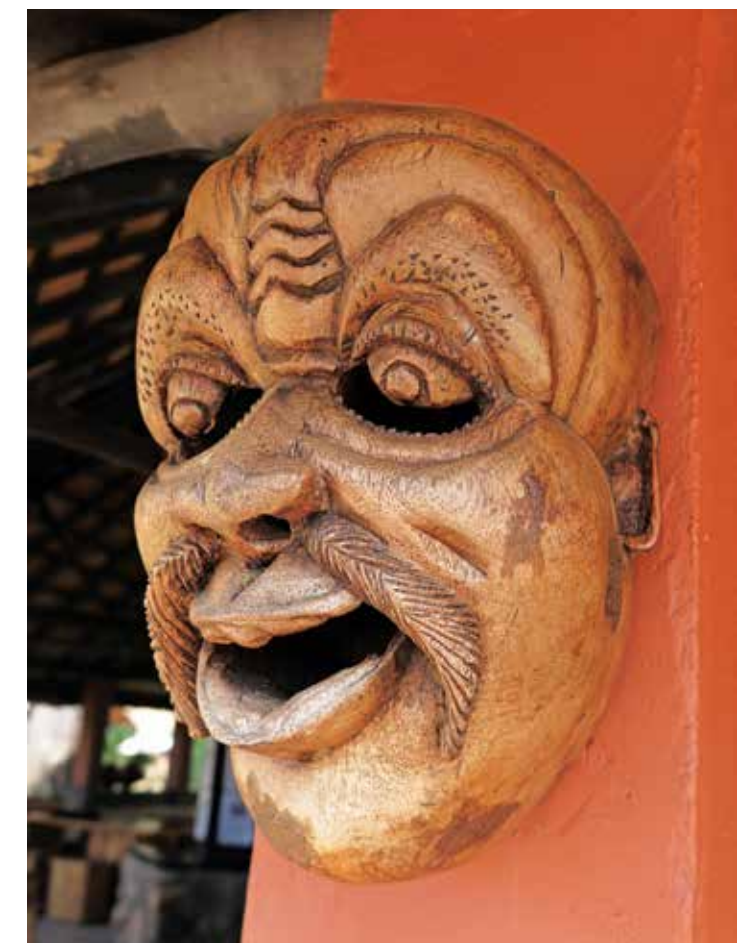


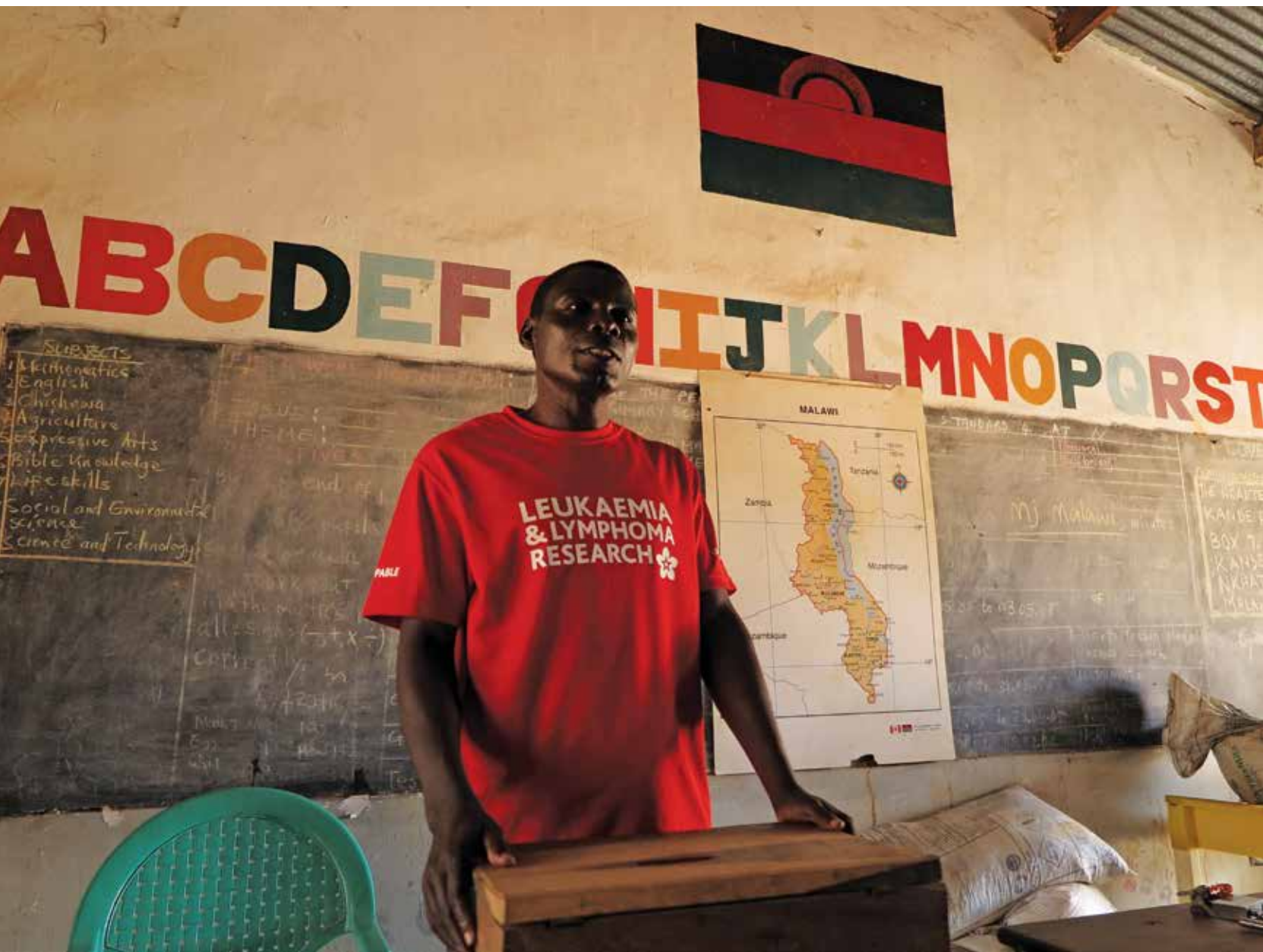
*Todavia o que ficou da viagem ao Malawi
foram as pessoas, não havia dúvida.
Tanto em Kande como em Chitimba era
a população que fazia a diferença.*



viagem ao Malawi foram as pessoas, não havia dúvida. Tanto em Kande como em Chitimba era a população que fazia a diferença. As aldeias que visitámos tinham o sabor dos abraços. Por entre um inglês reservado e algumas palavras em chichewe – um dos muitos dialetos do país – entrámos nas habitações dos aldeãos, acercámo-nos das plantações de mandioca, visitámos a escola e o hospital, passámos pelo mercado e regressámos ao camp, sempre rodeados de crianças que se limitavam a sorrir e a dar-nos a mão. Nada pediam, nada questionavam: estavam apenas ali, inocentes, de grandes olhos negros e penteados exóticos, de roupas anacrónicas, simplesmente belas na sua plena inocência. Coladas à mão só a largavam quando se viam demasiado afastadas das suas habitações: aí, desprendiam delicadamente os dedos e sorriam, correndo de volta para casa. Logo outras tomavam como suas as nossas mãos acompanhando-nos até um ponto onde o processo se repetiria.

Recordo nitidamente um dos jantares em casa de Banjo, um jovem malauiano. Com uma simplicidade desarmante recebeu-nos no pátio da sua humilde casa. Alguém havia colocado esteiras no chão imaculadamente varrido sobre o qual se colocara um candeeiro a petróleo. Sob a cúpula do céu noturno, e num ambiente intimista, degustámos um arroz simples acompanhado de carne guisada e mandioca. A refeição durou o tempo necessário para que a conversa fluísse e eu me inteirasse, embora superficialmente, de parte do quotidiano destes aldeões, tentando perceber os problemas e as eventuais soluções, as dificuldades e as superações ainda não conquistadas.





Pouco depois, as esteiras foram colocadas no recinto fronteiriço ao lar de Banjo. O anfitrião chamou algumas crianças, e deram início à sessão improvisada de cantorias e dança. Gradualmente, foram chegando mais miúdos, alguns mal se aguentando nas pernas, tal era a pouca idade. Em uníssono, cantaram e saracotearam-se com graça e desenvoltura. Na noite, as sombras, escondiam a timidez dos participantes ao mesmo tempo que as poucas estrelas deixavam entrever os gestos simples dos corpos infantis. No final da atuação que não durara mais do que uma dezena e meia de minutos, seguramente mais de metade da aldeia aderira à apresentação, brindando-nos com momentos irrepetíveis. Sim, tudo se passara fora do intuito massificado e calculista das excursões turísticas: a companhia em que viajávamos – estava a fazer um trabalho válido uma vez que ajudava os locais “não lhes dando peixes mas ensinando-os a pescar”, ou seja, não havia esmolas ou caridade mas instigava-se as famílias a trabalhar e a oferecer os seus préstimos (refeições, convivência, amizade) a

troco de um pagamento justo que era usado para investir em melhores condições de vida não só dos colaboradores diretos como da aldeia em geral. Banjo estava a ir no bom caminho e isso notava-se não só no modo como gradualmente a sua casa simples se ia erguendo da terra como no facto de dar trabalho a um crescente número de vizinhos e conterrâneos.

E não foi sem espanto que, ao sairmos sob o raiar do sol nascente, vimos que parte da aldeia se juntara ao longo da vereda de terra batida que dava acesso à estrada principal para se despedir de nós. Eram sobretudo crianças mas também alguns adultos que haviam deixado momentaneamente os seus afazeres para nos retribuir a confraternização da véspera. E tudo fora comovente porque verdadeiro.

Era verdade: o Malawi pode ser um dos países mais pobres de África mas era o que possuía o coração mais quente porque as pessoas fazem a diferença: elas têm esperança e trabalham calorosamente, esforçando-se e colocando as expectativas um pouquinho mais além.





O vento murmurava entre os ramos das árvores à medida que eu navegava na lembrança da noite anterior. Denotara ânimo e esperança na conversa com Banjo: mais do que isso, ele já havia passado à ação e estava a dar-se bem e essa era uma lição oportuna. Mantinha a fé no país e conservava-se positivo. Era um apaixonado vivaço e um otimista nato.

As cores da tela de nome Malawi diluem-se à medida que dela me afasto mas os sentimentos de esperança numa África mais digna perduram para além da viagem e da memória...●



www.across.pt

DICAS ÚTEIS

Como Ir:

Ethiopian Airlines que voa diariamente via Adis Abeba. Programas elaborados pela ACROSS.

O que visitar:

Parque Nacional do Lago Malawi; Área rupestre de Chongoni.

O que levar:

Roupa fresca, repelente de mosquitos, calçado confortável, chapéu, protetor solar, máquina fotográfica, fato de banho, agasalho noturno.

Em que época ir:

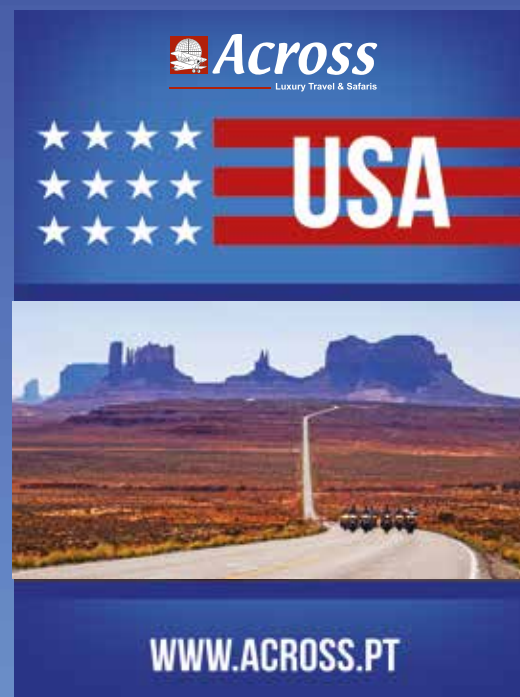
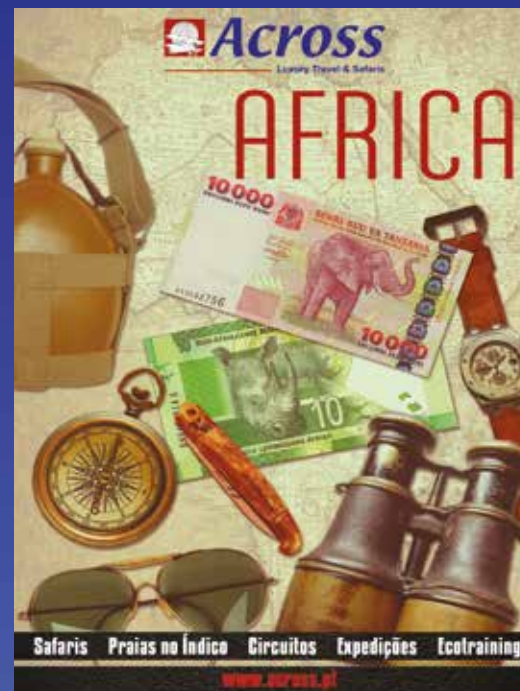
Os meses entre Maio e Novembro são a melhor altura para viajar através do Malawi quando a época das chuvas chega ao fim.



Across

Luxury Travel & Safaris

OS NOSSOS PROGRAMAS...



www.across.pt

Rua Latino Coelho - 1, Hi Fly Building 1050-132 Lisboa - Portugal
Tel: +351 21 781 74 70 Fax: +351 21 781 74 79 E-mail: travel@across.pt